



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

A PÁ E A VASSOURA

Por LAURA CHAVES

Desenhos de A. CASTAÑÉ

A I, que grande chinfreina,
havia na carvoeira!
Aquela ilustre senhora
chamada Dona Vassoura,
que era resmungona e má,
ralhava com Dona Pá.
A Pá humilde, modesta,
só respondia: «Ora esta!
Ando aqui sempre de rojo,
e você inda tem bôjo
para assim me descompôr?!
Mais tento, faça favôr!
Há mais alguém que lhe agarre
tudo que a Senhora varre,
como eu faço, com capricho?
Quem é que lhe apanha o lixo?
Quem é que a ajuda a viver?»
resmungava ela a tremer.
A Vassoura, encavacada,
com a rama arrepiada
por todo aquele aranzel,
já tinha à banda o cordel.



O seu corpinho de pau,
diante dêsse quinau,
que, sem pejo, a Pá lhe dava,
todo êle se empertigava.
Dizia a nobre Senhora:
— «Falar assim à Vassoura!
Bem se vê que é malcriada

que tem a cara estanhada.»
A Pá quando tal ouviu
até deu um assobio
gritando: — que dama rara!
Olhe para a sua cara
e deixe a cara dos mais,
pois damas com barbas tais
por damas já não as comem.
Tem mais barbas do que um
homem!



É melhor que vá cortá-las,
talvez depois de rapá-las
pareça, enfim, uma dama.
Ande, vá ao mestre escama!
Estas foram as razões
do corte de relações,
dessa rixa feia e má
entre a Vassoura e a Pá.
Com tudo o que se passou
foi o Lixo quem ganhou.
Andava assim radiante,

(Continua na pagina 3)



Querida Tété

Satisfaço, hoje, o teu pedido, publicando a guardadora de patos, que, por sinal, parece ir um pouco zangada com eles. Os marotos queriam fugir-lhe, mas ela lá os vai enxotando, de modo que eles não têm outro remédio senão recolher à capoeira!

Os patos retilões, irás bordar em amarelo com as asas castanhas. E, também, em castanho a saia da mulher com os remendos encarnados.

Meias encarnadas.

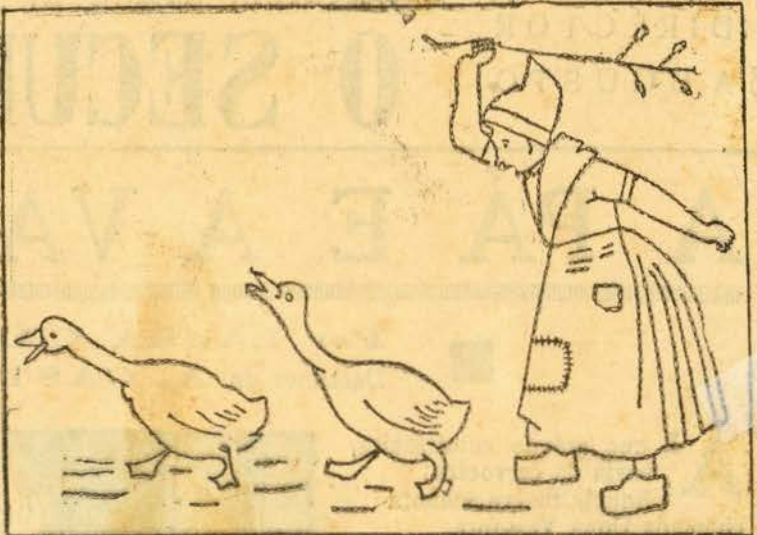
Socos castanhos.

A blusa, azul vivo, com o challe encarnado. A touca azul.

Cara e braços cor de carne.

O ramo e o chão: verdes.

Nada de trapalhices; a costura quere-se bem feitinha para que



os trabalhos tenham valor e possam ser apreciados.

Espero, pois, que executes, com perfeição, o teu bordado e desejo bastante que ele saia a teu gosto. Tudo isso me poderás

mandar dizer, porque eu, também, gosto muito de saber notícias sobre a aplicação das minhas abelhinhas às quais, hoje, envio muitos abraços. Vossa

Abelha Mestra

AS FESTAS DO «PIM-PAM-PUM»

na FIGUEIRA DA FOZ



Decorreu brilhantemente a segunda tarde infantil, organizada pelo nosso suplemento e pela direcção do Grande Casino Peninsular e realizada no passado domingo.

O entusiasmo dos pequeninos espectadores atingiu o auge, ante o desenrolar das cómicas peripécias de Nino & Pepito a bela parelha de palhaços que arrancou à assistência uma grande ovação.

Ao terceiro festival desta série, a realizar-se no próximo domingo e cujo programa nada ficará a dever aos anteriores, podemos, desde já, assegurar identico sucesso.

Mais uma vez publicamos a senha-brinde que habilita os pequenos espectadores ao novo sorteio de valiosos e numerosos brinquedos.

A PÁ E A VASSOURA

(Continuação da pagina 1)

Para traz, para diante...
Ora formava montão,
ora rolava em cotão,
todo o sobrado cobria,
e, meu Deus, o que ele ria!
Aquilo é que era gozar,
ninguém o vinha apanhar!
A Pá, vendo a situação,
fez das tripas coração,
voltou-se para a parede,
pois por orgulho, não cede.
A Vassoura, resmungando,
avançou, de vez em quando,
ao ver o Lixo, enojada,
lá dava uma vassourada
amontoando-o, num momento.
Mas, depois, o Senhor Vento,
que é patife e que é má rez,
tudo espalhava outra vez.
O Lixo já tinha altura,
chegava mesmo a cintura
da Vassoura horrorizada.
E a pobrezinha, coitada,
a custo continha o fel.
nem se lhe via o cordel!
A Pá, já nem se bolia
afogada em porcaria!
Pronto, acabara-se o mundo!
Metidas no Lixo imundo,
no seu eterno inimigo,
mas que tremendo castigo!
Foi então que a Vassourinha,



com voz melada e fininha,
disse, um dia, para a Pá:
— O' criatura, olhe lá,
não acha que é desafôro,
pior que o pior desdouro,
para quem tem vida limpa,
deixar levantar a grimpá
ao Lixo, esse porcalhão?
Tudo por môr da questão
do mau gênio, da rabuja,
por môr dessa bulha suja
e da nossa parvoíce,
é que hoje, nessa imundicie,
as duas nos encontramos!
Forçoso é que nos unamos
contra o Lixo, num protesto!
Vá, Dona Pá, — tenha um gesto —
e faça as pazes comigo.
Creia nisto que lhe digo:
você, de mim, separada,
não vale dez reis de nada,
e eu, sem você me ajudar,
que me serve trabalhar?>
A Pá, comovida, chora,

e dá um beijo à Vassoura.
Estavam feitas as pazes.
Aquilo é que foi, rapazes!
Andou tudo num virote,
a Pá e a Vassoura a trote,
uma a varrer, a limpar,
a outra, atrás, a apanhar,
em menos de meia hora
deitaram o lixo fóra!
E ao verem que a sua vida
tem de ser comum na lida,
nunca mais se separaram
e nunca mais se zangaram.
Maior união não há
que entre a Vassoura e a Pá.

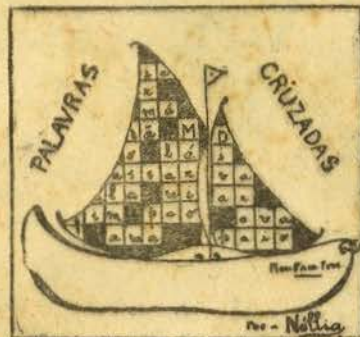
Se tu precisas de alguém,
tens de o tratar muito bem,
pois das zangas, dos berreiros,
sempre aproveitam terceiros.

■ ■ F I M ■ ■

PARA COLORIR PALAVRAS —



— CRUZADAS



SOLUÇÃO DO NUMERO 151

ERRATA — Por lapso de revisão, saíram alteradas a data e numeração do nosso suplemento anterior. Em vez de 13 de setembro deve ser 20 de Setembro e, em vez de 451, 452.
Com as nossas desculpas, rogamos aos colecionadores do «Pim-Pum-Pum» o favor de rectificarem.

MAIS VALE SÓ

POR ANÃO SABICHAO
DESENHOS DE A. CASTAÑÉ

OS meus meninos vão ler hoje uma história que os deve pôr de sobre-aviso contra as más companhias. Era por causa disso que o Agostinho — um rapazito da aldeia — tinha ouvido, muitas vezes, ralhos do pai e da mãe.

Mas não podia resistir a acompanhar o Zé Nabo, o mais atrevido de todos os garotos!

O Agostinho muito admirava aquele companheiro, de talento tão inventivo, e seguia-o, de olhos fechados.

Nessa tarde, tinha ele aparecido, segredando, ao outro, qualquer coisa, por cima do muro.

Já na estrada, ainda acrescentou:

— Fica combinado! A' noitinha, bato aqui na porta!

Todo o dia, o Agostinho andou excitado, ajudando mal o pai no amanho da horta.

Ao cair a noite, pôs-se, logo, de atalaia, à espera do Zé Nabo.

Já toda a gente recolhera na aldeia, quando os dois se esgueiraram pela estrada fora.

O pequeno Agostinho não ia lá muito seguro, começando a inquietar-se com o mistério daquela expedição nocturna!

Lembrava-se da mãe que, a essa hora, o devia estar chamando para a ceia!

Mas, autoritário, o Zé Nabo tirou-o dos seus pensamentos:

— Olha lá, azémola, não me venhas a pisar ovos! Senão, nem amanhã surripiamos o que queremos!



Aquela palavra «surripiar» fez estremecer o Agostinho!

Se o pai soubesse!...

Ele, que não admitia que o filho levasse para casa nem um reles figo que não fôsse lá da horta!...

— Não é bonito o que vamos fazer! — resmungou.

— Deixa-te de asneiras! É uma partida ao velhote, mais nada!

— Tenho medo! — tornou, timidamente, o Agostinho.

— Maricas! Medroso!

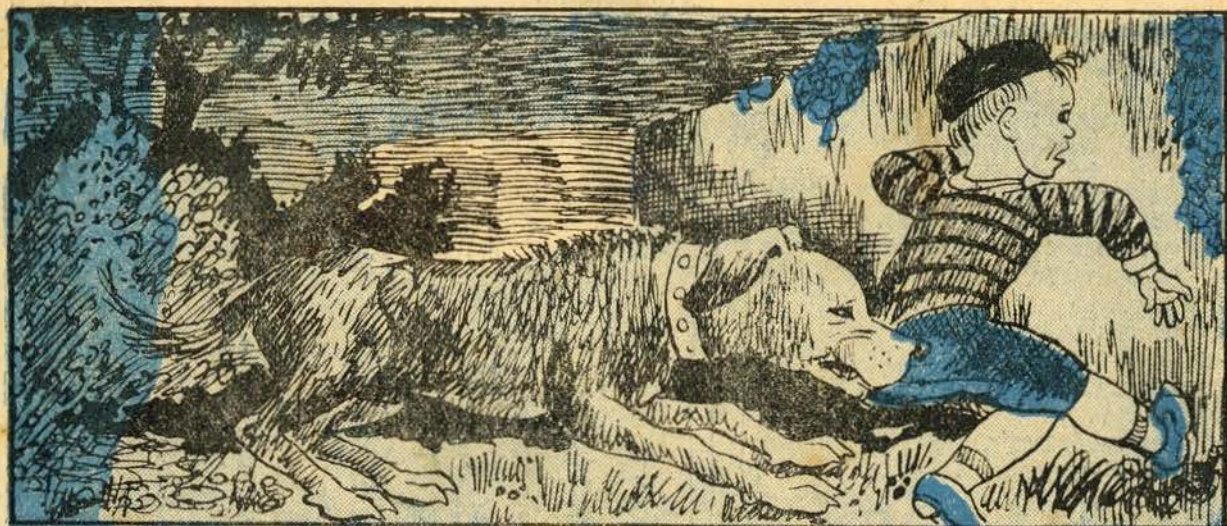
Esta palavra fez o efeito desejado no ânimo do outro.

Para que não o chamassem poltrão, seguiu o Zé Nabo. Mas o vosso Anão é que não estava inactivo.

Antes que eles chegassem ao sítio combinado, que era o pomar do tio Miguel, já ele lá tinha entrado.

E aos rapazinhos que ali iam pregar grossa





partida, arranjou êle partida maior, para castigo dos malandrões.

Com mil precauções, o Agostinho e o Zé Nabo, já dentro da propriedade, dirigiram-se à árvore mais proxima, que era uma ameixoeira.

— Vamos sacudí-la, com toda a força, para fazer cair a fruta — disse o Zé Nabo.

— Um, dois, três...

E zás!

Deram a primeira sacudidela na ameixoeira...

Então, no silêncio da noite, ouviu-se um tilintar de campainhas!...

Parecia que um rebanho de ovelhas, a trote, passava por ali!

Os pequenos, aterrados, cheios de pismo, nem tinham forças para fugir!

Nisto, uma voz furiosa, de homem, gritou:

— Alto aí, corja de ladriscos! Eu os arranjarei!

Saindo da sua mudez, o Zé Nabo disse, resolutamente, ao seu companheiro:

— Safa-te, senão somos pilhados!

E, pernas para que vos quero, desapareceu, numa correria.

O pobre Agostinho quis imitá-lo e, a tremer de susto, seguiu o outro.

Neste entrementes, o tio Miguel parecia esbaforido, com uma lanterna na mão. Acordara ao som das campainhas e, alarmado, berrava:

— Canalha de garotos. E já viram maior pouca vergonha! Entrar, assim, de noite, na propriedade de cada um! Se os apanho, esborracho-os! — ia êle praguejando, enquanto examinava os estragos e contava a fruta espalhada no chão.

Aquele cantinho de terra era o seu orgulho. De manhã á noite, podava, cavava e regava as suas árvores, com o maior cuidado!

E, ao vêr o desacato que tinha sofrido a linda ameixoeira, onde eu pendurara, as campainhas, repetia, desolado:

— Se, ao menos, eu aparhasse um daqueles maraus! —

De repente, ouviu-se um alarido de gritos e o ladrar furioso dum cão.

Intrigado, o tio Miguel levantou a lanterna para vêr se percebia o que se passava, quando sentiu nas pernas uns empurrões.

Era o seu cão de guarda que lhe trazia nos dentes qualquer cousa volumosa, barafustando, aflito.

O velhote baixou-se, e o que havia êle de tirar da bôca do cão?

O pobre Agostinho que se debatia cheio de dôres e cheio de medo.

Condoído, o bom do tio Miguel perguntou-lhe: — E's tu, Agostinho? O que é que dóe, pequeno? — Aterrorizado o rapaz não se mexeu.

O velhote, com tôda a cautela, levou-o para casa.

Estendeu-o sôbre a cama, deu-lhe vinagre a cheirar e humedeceu-lhe as fontes com água fria.

Quando o Agostinho, já com mais confiança, reabriu os olhos, o velho disse-lhe:

— Com que então, faz-se uma tal patifaria? Vir assim roubar as ameixas do tio Miguel? —

E, desconfiado, acrescentou: — Aquêlé malandrête do Zé Nabo vinha contigo, pela certa!... — O pequeno ficou mudo.

— Bem! Bem! Agora senta-te. — Não posso. — choramingou o Agostinho. — O seu cão filou-me pelos fundilhos e não filou só as calças, filou também a carne. — Ao examinar o sítio combalido, o velhote tornou, apiedado:

— Tens isso em máu estado, tens! Mas é preciso voltares para casa. Devem estar ralados, por não te verem aparecer. —

Com o Agostinho ás costas e a lanterna na mão, o tio Miguel pôs-se a caminho.

— Pelas alminhas, não diga nada ao pai, não, tio Miguel? —

Mais adiante, o Agostinho voltou a segredar-lhe:

— E como soube vocemecê que era o Zé Nabo que ia comigo? —

Num tom gaiato, o velho respondeu: — Foram as campainhas! São elas que me dizem sempre, quem são os malandrêtes que me vão á fruta! —

Mas, de si para si, pensava, intrigado: — Quem as teria lá posto? Aquela ameixoeira tem obra do diabo! —

O pai do Agostinho, mal o viu, gritou, ameaçador:

(Continua na página 7)

O MANECA QUEBRA TUDO

POR ZÊ D'ALDEIA

O Maneca,
É um grande trapalhão,
mui levadinho da bréca!
Com razão,
o seu papá,
que na rua do Barão
vende chá,
lhe grita num tom sisudo,
sem se rir...
Se da mão deixa cair,
prato, copo ou a caneca...

— «Oh! Maneca!
«tu és mesmo um quebra tudo?»
Se se assanha
o pai Liru,
o Maneca logo apanha,
açoitos no seu tutu...
Inda há dias,
(triste sina)
êe andando em correrias,
quebrou um jarrão da China!
Pai Liru com a bengala
ralha e brada;
de raiva treme-lhe a fala:
— «Não há nada,



«que resista ao trapalhão;
«só me faltava mais esta,
«quebrar-me o rico Jarrão,
«que um pachá, lá no Japão,
«me deu, em dia de festa!»
A bengala faz tau, tau...
assanha-se o pai Liru:
— «Paisinho, não seja mau,
«diz êe; basta de pau,
«que me quebra o meu tutu...»

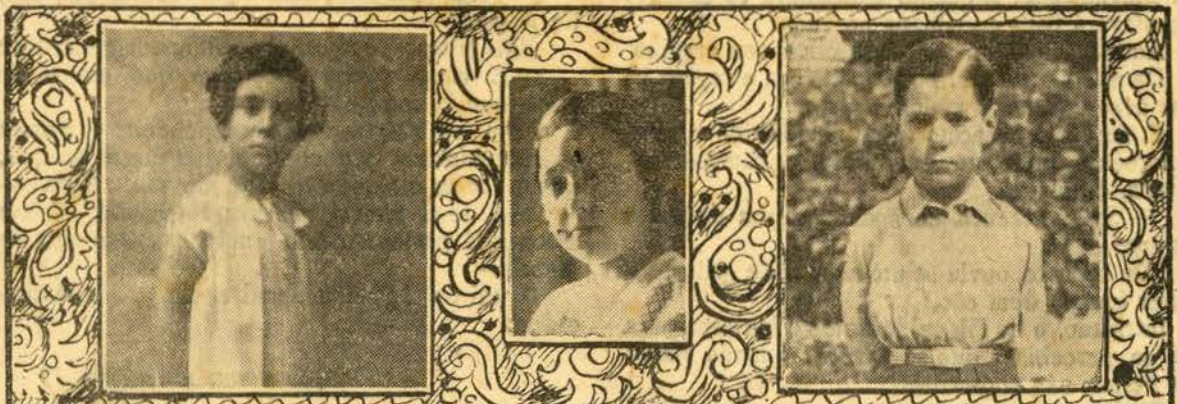
Lição mestra,
que causou um belo efeito...
Desde então, logo se adestra,
a fazer tudo com jeito.
Nunca mais nada partiu;
só na rua da Condeça
a correr, ao desafio,
êe caíu,
e partiu,
a cabeça!..
Mas hoje tem muito tino,
quando não,
a bengala toca o hino
no tutu do trapalhão...

Meninos, sêde prudentes,
sossegados.
Os que são impertinentes,
como o filho do Liru,
chamam-se mal educados,
e apanham no seu tutu!...



F I M

CONCURSO DA EMISSORA NACIONAL — Secção Cultural Infantil (classificados)

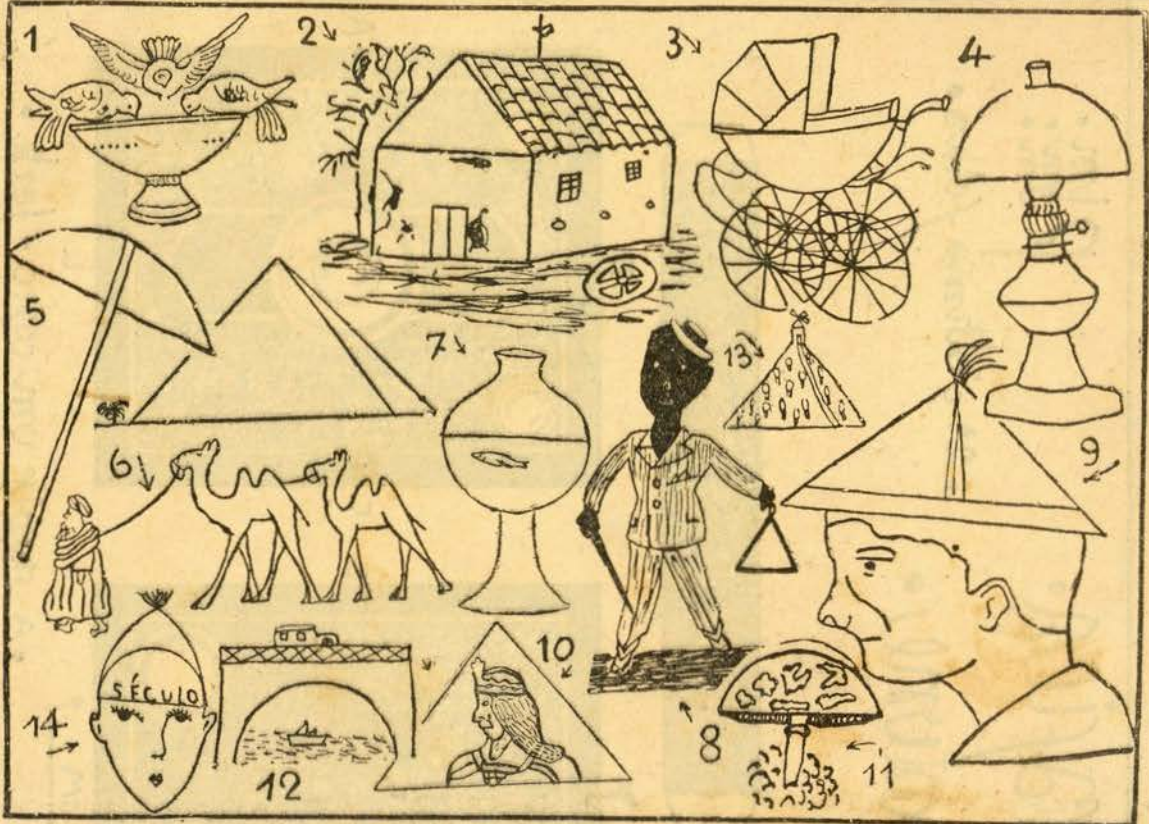


María Dilar Dintz da Silva Lopes

María Emília da Costa Carregal

Manoel Dias Galante

O NOSSO CONCURSO DE BASE GEOMÉTRICA



1, Balbino Joaquim Costa Gonçalves; 2, Eduardo Paiva Lemes; 3, Irene Macedo Crespor; 4, Luiz Alexandre Fernandes; 5, Edmundo da Silva Pimpão; 6, Augusto do Nascimento; 7, Vitoria Emilia da Trindade Lide; 8, Ivíolino Vaquero dos Santos; 9, Rainha da Seca e Meca; 10, Antonio Cruz de Miranda; 11, Fernando Ventura Nogueira; 12 e 13, Maria Antonieta Moraes; 14, Maria da Estreia.

MAIS VALE SÓ...

(Continuação da página 5)

— Sempre me vais apanhar tamanha tarefa, pedaço de valdevinos! — Autoritário, o tio Miguel atalhou, logo:

— Não dê açoites no rapaz que ele já foi bem castigado! Caiu por uma ribanceira e vêm aí tôdo esfolado! —

Com um olhar reconhecido, o pequeno agradeceu ao seu amigo a piedosa mentira.

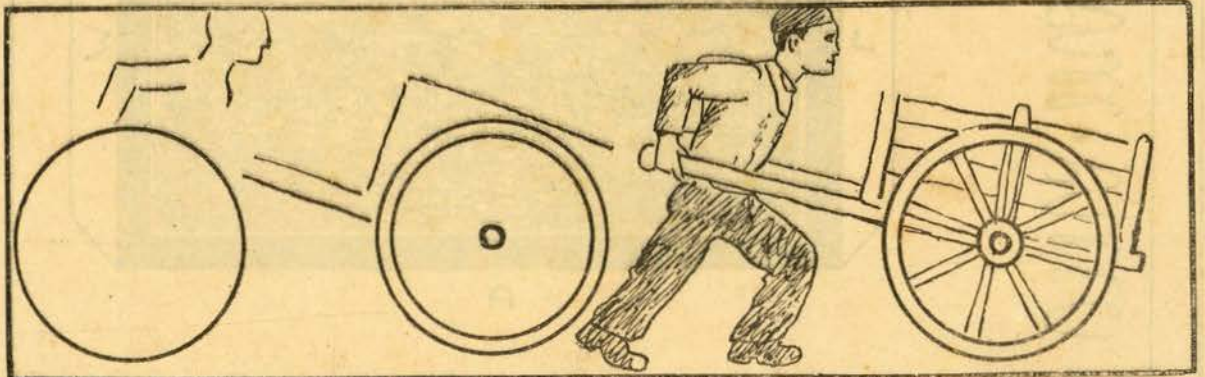
Durante muito tempo, o Agostinho não se pdeu sentar e nunca mais olhou com bons olhos aquele atrevido do Zé Nabo!

Em compensação, ganhou a amizade do bom tio Miguel que lhe dava fartotes de ameixas.

Mas, em frente da árvore misteriosa, ainda hoje o vêlhote matuta na história das campainhas, enquanto o vosso Anão ri á sucapa, com o caso que tanto o divertiu e tão bem acabou.

F I M

L I Ç Ã O D E D E S E N H O

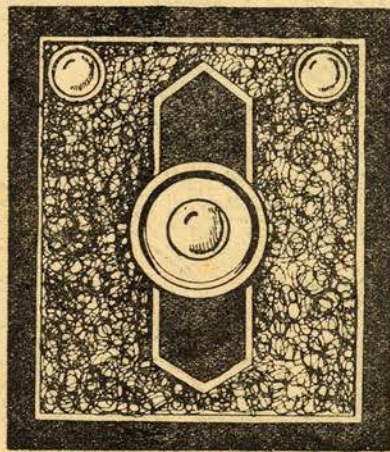
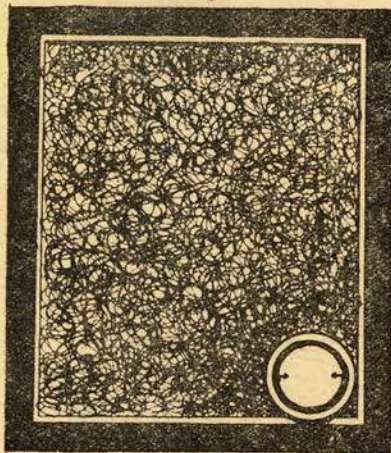
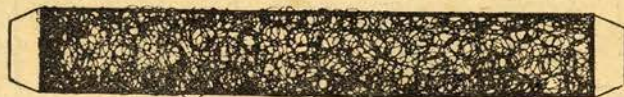
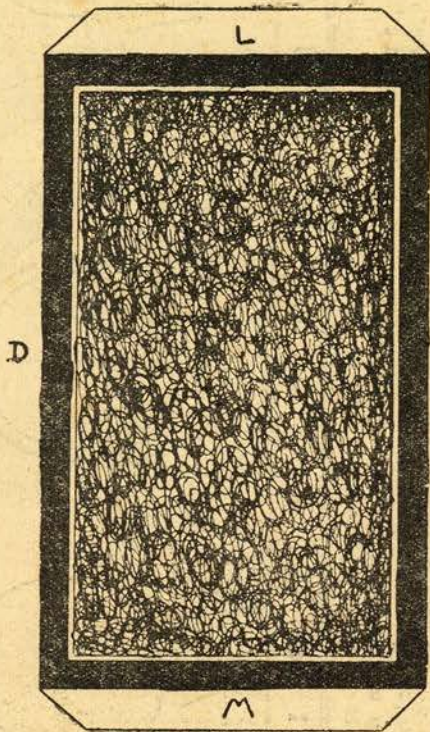


Como se desenha um homem com um carrinho de mão

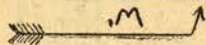
• uma máquina fotográfica.
por Antunes.

prim.
am.
um.

• 2ª e última folha.



Pintar de
vermelho



• A seguir um cofre - forte.